

UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM BASIL HALLWARD EM O RETRATO DE DORIAN GRAY POR MEIODA QUEER THEORY

Francinaldo Freire da Silva- Aluno de Graduação em Letras- Inglês DLA-UEPB. Aldofreire59@gmail.com

RESUMO

O Retrato de Dorian Gray de Wilde é uma obra que está séculos a frente de seu tempo. Ele convida o leitor para dar uma espiada no universo dos homens gays, o que foi bastante ousado da parte de Oscar Wilde se considerarmos a época em que ele foi escrito, a Era Vitoriana. O objetivo deste trabalho é fazer uma leitura do livro levando em consideração a perspectiva da *Queer Theory*. Com este objetivo em mente, faremos um relato breve da evolução do estudo das questões de gênero antes de estabelecer o que vem a ser a *Queer Theory* e submeter a construção do gênero de uma da personagem Basil Hallward do romance de Wilde, enfocando as consequências da transgressão da norma que estabelece gêneros binários “homem”/ “mulher” quando uma personagem gay decide viver o seu desejo dentro da sociedade patriarcal.

Palavras Chave: queer theory, identidades de gênero, transgressão da norma.

ABSTRACT

Wilde's *The Picture of Dorian Gray* was a book centuries ahead of its time. It invites the reader to take a look at the universe of queer men, which was very bold on the part of Oscar Wilde considering the time when it was published, The Victorian Age. The objective of this work is to do a reading of the book taking into account the perspective of Queer Theory. We intend to convey a brief account of the evolution of the studies around gender in order to establish what Queer Theory comes to be and, afterwards, submit the gender constitution of Basil Hallward, one of the characters of Wilde's novel to a brief analysis, focusing on the consequences of the transgressions of the social norm which establishes the patterns of binary man and woman opposite genders when queer men decide to live their desire in the patriarchal society.

Key Words: queer theory, gender identities, performativity, transgression of the norm.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta de forma sucinta uma análise da personagem Basil Hallward, na obra *O Retrato de Dorian Gray* (1890-91), do poeta e dramaturgo irlandês Oscar Wilde. Apresentaremos uma breve narrativa da evolução dos estudos de gênero e do feminismo em Literatura Inglesa até o ponto em que surgiu a *Queer Theory*, a qual empregaremos para analisar a constituição da personagem por Wilde. A relevância deste trabalho reside na atenção que a homofobia tem recebido recentemente no panorama mundial, bem como na nossa convicção de que a *Queer Theory* no fornece meios para ampliar o debate em torno da convivência harmoniosa com a diversidade de gênero ao teorizar, por exemplo, que as identidades de gênero se devem a construção social ligada a contingências históricas, culturais e sócio econômicas do meio, em vez de fatores biológicos determinados pela anatomia dos sujeitos. Este conceito pode contribuir para entendermos as estratégias sociais adotadas pelos sujeitos históricos em nossa sociedade moderna a fim de viverem sua sexualidade. Por outro lado, demonstra que a homofobia surge como uma reação de setores conservadores da sociedade contra indivíduos que transgridem sua norma de gênero binário homem-mulher no que se refere as sua afetividade e expressão do desejo sexual. Ilustraremos esses movimentos comportamentais humanos a partir do tratamento que recebeu Basil Hallward na obra de Oscar Wilde.

FENIMISMO, ESTUDOS DE GÊNERO E QUEER THEORY- UM BREVE RELATO DE SUA EVOLUÇÃO

Literary Theory- an anthology (Teoria Literária- uma antologia) (RIVKIN & RYAN, 2004) é uma obra de referência na qual são descritas as diversas linhas de estudos literários na literatura inglesa desde o seu início. Esta obra foi uma das principais fontes de pesquisa a que recorreremos em nosso propósito de traçar uma trajetória da evolução dos estudos literários desde o feminismo, passando pelos estudos de gênero, até chegarmos a Queer Theory, a qual é um campo relativamente recente de estudos literários. RIVKIN & RYAN (2004, p.765) dedicam diversos capítulos ao surgimento do feminismo na literatura inglesa, podemos resumir por mencionar que no princípio pesquisadoras do feminismo começaram por questionar o cânone literário prescrito para os cursos secundários e superiores dos anos 60, o qual era composto apenas por autores do sexo masculino e apresentava a mulher de modo muito pouco

favorável e por meio de estereótipos muito misóginos. Elas começaram a lutar para resgatar a tradição da escrita feminina em inglês, visto que as autoras daquela época escreviam apenas diários pessoais e cartas pessoais de apelo sentimentalista. Vencida esta etapa, os estudos do feminismo passaram a tomar duas vertentes distintas: o ramo essencialista- vinculando a questão da diferença entre homens e mulheres as questões fisiológicas ou biológicas; e o ramo construcionista: que aponta para fatores externos presentes no meio como determinantes na formação do gênero dos indivíduos como afirmam Rivkin & Ryan (2004, p. 768):

“A posição construtivista recorreu à teoria Marxista da construção social da subjetividade individual (Althusser) e à ideia pós-estruturalista de que a linguagem escreve ao invés de refletir identidades. (Uma) identidade de gênero não é menos uma construção da cultura patriarcal do que a ideia que os homens sejam de alguma forma superiores às mulheres; ambas nascem ao mesmo tempo e ao mesmo golpe da caneta”.¹

Exatamente a partir deste pressuposto, os estudos de gêneros desenvolvidos a partir das décadas de 70 e 80 apoiados em materiais publicados por antropólogos e historiadores defendiam agora que o gênero era variável: na história e entre as sociedades, existem variações entre as formas diferentes de praticar sexo, e de se pertencer a um gênero ou ao outro. Estudos a respeito de praticas sexuais estigmatizadas, como o sexo oral, o sexo anal e as relações sexuais entre duas mulheres, demonstraram que essas práticas eram codificadas de forma diferente entre culturas diferentes, por diversas sociedades e ao longo da história. Foucault (1976) alude ao século XIX como um momento no tempo em que tais práticas foram “descobertas” como sinais de perversões identificáveis, enquanto de uma sociedade para outra elas eram práticas comuns.

A cristandade é apontada como o elemento que se interpõe entre as duas visões diferentes ao longo dos tempos, pois ela cumpre o papel de estigmatizar as práticas sexuais não reprodutivas. Foucault (1976, p.50) fala nesses termos a respeito das práticas homossexuais na visão da sociedade vitoriana do século XIX:

¹ Original em inglês: “The constructivist position took inspiration from Marxist theory of the social construction of individual subjectivity (Althusser) and from the Post-Structuralist idea that language writes rather than reflects identities. Gender identity is no less than a construction of patriarchal culture than the idea that men are somehow superior to women; both are born at the same time and with the same stroke of the pen”. (Tradução de Francinaldo Freire da silva)

“Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a *incorporação de perversões e nova especificação dos indivíduos*. A sodomia- a dos antigos direitos civil ou canônico- era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico o homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida: também é morfologia, com uma anatomia misteriosa. (...) Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. (...) É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constitui-se no dia em que foi caracterizada- o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as “sensações sexuais contrárias” pode servir de data natalícia – menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa maneira de inverter , em si mesmo, o masculino e o feminino (...) O sodomita era um reincidente, o homossexual é uma espécie.” (os grifos são do autor citado)

De forma cabal, eis uma descrição de como uma identidade de gênero pode surgir através de uma série de contingências sócio-culturais, independente da fisiologia do indivíduo. Por essa razão, desde que começaram a circular os volumes de *História da Sexualidade*, e conseqüentemente outros autores passaram a fazer suas releituras dos conceitos de gênero, Foucault tem sido considerado como estabelecendo as bases para a *Queer Theory*, ou os estudos *Queer*. A obra de Foucault seguiram-se diversas outras obras e artigos entre os quais poderemos destacar *Atos Performativos e a Constituição dos Gêneros*, de Judith Butler(1988), como relevante para a formação da *Queer Theory* e muito útil na nossa análise de Basil Hallward. Desde os anos 90 muitos escritores tem chamado essa nova vertente de estudos de *Queer Theory*.

O DESTINO DE BASIL HALLWARD EM O RETRATO DE DORIAN GRAY

Três personagens neste que foi o único romance escrito por Oscar Wilde poderiam ser analisados segundo a *Queer Theory*: Dorian Gray, um jovem de extraordinária beleza que posa para um retrato, Basil Hallward, o pintor que evidentemente se apaixona pelo belo modelo; e Lord Henry Wotton, um rico aristocrata que tem um ponto de vista bastante cínico sobre a sociedade vitoriana e seus valores burgueses. Dentre os três, escolhemos Basil porque ele dá indicações muito inequívocas quanto a sua secreta identidade de gênero que transgride a norma da sociedade

vitoriana, por exemplo, quando num diálogo com Lorde Henry ele fala de sua ligação com Dorian Gray:

“Esta é a simples história- disse o pintor, após uma pausa. – Faz dois meses, fui a uma reunião na casa de lady Brandon. E você sabe que nós pobres artistas, precisamos ser vistos em sociedade de vez em quando, o suficiente para lembrar que não somos uns selvagens. Com uma casaca e uma gravata, como você me disse certa vez, todo mundo, até um agente da Bolsa, pode chegar a ter uma reputação de homem civilizado. Eu estava, pois, no salão havia dez minutos, conversando com damas maduras, enfeitadas com exagero, ou com aborrecidos acadêmicos, quando de repente notei que alguém me observava. Virei-me e, pela primeira vez, vi Dorian Gray. Quando os nossos olhares se encontraram, senti-me empalidecer. Uma estranha sensação de terror apoderou-se de mim. Compreendi que estava diante de alguém cuja personalidade era tão fascinante que, se me abandonasse a ela, absorveria a minha natureza inteira, a minha alma e até a minha própria arte”. (Cap.I pp. 11,12) (...) “Fale me mais do Sr. Gray. Você o tem visto com frequência?” (pergunta Lorde Henry) “Diariamente. Eu não poderia ser feliz, se não o visse diariamente. Ele me é absolutamente necessário”. (p.15)

Da citação acima se poderia inferir que Basil estava apaixonado por Dorian, e que esta paixão a primeira vista acenava com uma perspectiva funesta para este nosso objeto de análise. Adicionalmente, é possível perceber que ele vive sua sexualidade em segredo, pela alusão feita a uma muda de roupa, como se, ao adotar uma postura aparentemente aceitável para a sociedade vitoriana, o indivíduo pudesse viver suas aventuras em segredo, ou seja, o velho esquema da vida dentro do “armário”, como é descrita entre os gays e lésbicas nos dias atuais.

Basil Hallward certamente transgrediu a norma de comportamento sexual prescrita para aquela sociedade, a qual reservava as relações sexuais apenas para o casal heterossexual, no tradicional esquema binário homem-mulher e com expressas recomendações de que a copula apenas se destinasse à reprodução da espécie. O resultado trágico para o nosso objeto acontece nos capítulos XII em diante do livro, nos quais Basil é cruelmente assinado por Dorian Gray, que depois chantageia certo Alan Campbell obrigando-o a reduzir o cadáver a cinzas por algum processo químico. Depois, ele trata de incinerar também uma mala com roupas da vítima que havia ficado em sua casa. O pretexto para o crime: Basil havia induzido Dorian, segundo este, aos seus terríveis atos, ao ponto deste ter pactuado com as Trevas um acordo em troca de sua própria alma, seu corpo jamais envelheceria e seus crimes recairiam sobre a

pintura, que assumia um aspecto cada vez mais horrendo ao passo que ele, Dorian, se degradava completamente em sentido moral e ético.

Nos dias atuais, nos lugares onde a homofobia é pregada e tolerada certamente haveria que considerasse o fim dado por Wilde a Basil Hallward como muito apropriado. Nós, por outro lado, encaramos isso como a forma encontrada por Wilde para denunciar a hipocrisia daquela sociedade vitoriana, questionando a forma como as relações homo afetivas eram encaradas então. No Brasil, pouca coisa mudou, o que faz com que a denuncia de Wilde no leve a refletir sobre as atitudes homofóbicas de certos setores conservadores de nossa sociedade, para os quais o sexo gay é crime ou pecado, a ponto de alguns dizerem abertamente que os gays merecem morrer por causa do seu comportamento transgressor das normas de gênero vigentes nesta sociedade.

CONCLUSÃO

Nossa pesquisa da origem dos estudos Queer a partir do feminismo e sua evolução nas últimas décadas do século XX, no deu elementos para entender a composição do personagem Basil Hallward e teorizar sobre as possíveis razões por traz do trágico destino dado por Oscar Wilde a este personagem, como sendo em razão deste transgredir as normas de comportamento sexual da era vitoriana, e ter uma identidade de gênero socialmente construída, ou seja, ser gay; algo inaceitável aos padrões da época e considerado dígito de punição. A morte violenta e incineração do corpo e das roupas nos sugere a completa rejeição da sociedade; como também aponta para a postura homofóbica dos setores conservadores da sociedade daquela época. Este fato, a homofobia, nos convida a fazer um paralelo entre aquela sociedade vitoriana e nossa sociedade atual, que reluta em aceitar os gays como pessoas dignas de respeito e expressão, tolerando e até incentivando atos violentos contra gays e lésbicas. Nossa esperança é que os estudos Queer venham a contribuir para diminuir o preconceito contra estas minorias para que os gays e lésbicas possam exercer seus direitos de viver e experimentar o sexo como todos os outros cidadãos, independentemente de sua orientação sexual.

REFERENCIAS

1. **FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade, Vol. I-A vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A Guilhon Albuquerque. 22ª impressão. Edições Graal, Rio de Janeiro, 1988.

2. **RIVKIN, Julie & RYAN, Michael. *Literary Theory, an Anthology*** (Teoria Literária, uma Antologia). 2nd ed. Blackwell Publishing. Oxford, 2004.

3. **WILDE, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray***. Tradução de Enrico Corvisieri - Editora Nova Cultural. São Paulo, 2002.